

**MATEUS HENRIQUE ARAÚJO VIANA
MARIA ISABEL SILVA BEZERRA LINHARES**

**IX ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

GT 16: CULTURAS JUVENIS NA ESCOLA

**JUVENTUDES E PERSPECTIVAS DE FUTURO EM DEBATE: GUIA DIDÁTICO –
SOCIOLÓGICO PARA SUBSIDIAR PROFESSORES(AS) NAS AULAS DE
PROJETO DE VIDA**

**SÃO PAULO (SP)
2025**

JUVENTUDES E PERSPECTIVAS DE FUTURO EM DEBATE: GUIA DIDÁTICO – SOCIOLÓGICO PARA SUBSIDIAR PROFESSORES(AS) NAS AULAS DE PROJETO DE VIDA

Mateus Henrique Araújo Viana ¹
Maria Isabel Silva Bezerra Linhares ²

RESUMO

Este

Este trabalho apresenta algumas reflexões sobre o processo de elaboração de um material didático vinculado ao PROFSÓCIO – UVA, cujo propósito é fornecer subsídios teórico-metodológicos a professores(as) de Sociologia ou da área de Ciências Humanas que lecionam o componente curricular de Projeto de Vida (PV) no ensino médio. Correspondendo a um produto final de pesquisa, esse material se originou por meio de uma pesquisa realizada no ano de 2024, com estudantes de 3º ano do ensino médio da EEM Prof.^a Rosa Martins Camelo Melo, localizada na cidade de Ibiapina, estado do Ceará. Realizei uma investigação em torno das perspectivas de futuro desses jovens à luz de algumas questões que se relacionam aos condicionantes sociais que os cercam, em especial a relação: Escola x Futuro. Combinei metodologias qualitativas e quantitativas (formulário online, análise dos materiais de PV fornecidos pela SEDUC-CE, conversas individuais e grupos focais) e, assim, foi possível criar um banco de informações que contribuiriam diretamente na produção do que denomino como *Guia Sociológico*. Através desse estudo pude identificar inúmeras críticas ao currículo escolar por parte dos estudantes, que apontaram disparidades entre as diretrizes oficiais apresentadas nas aulas de PV e as reais preocupações desses estudantes. Para preencher algumas dessas lacunas identificadas, o material surge como uma possibilidade de intervenção docente usando a Sociologia fio condutor das práticas pedagógicas.

Palavras-chave:

Projetos de futuro; juventudes; Ensino médio; Cartilha pedagógica; PPDT

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo a apresentação de uma experiência de pesquisa vinculada ao Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (Profsocio), da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), estado do Ceará. Sendo consolidada como um instrumental pedagógico, esse guia está atravessado por reflexões de natureza sociológica e foi elaborado como proposição teórico-metodológica ao professor regente da disciplina de Projeto de Vida, em especial, para o ensino médio.

¹ Mestre em Sociologia pelo Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) – CE; homem pardo; Ibiapina-Ceará; E-mail: mateushenriqueviana97@gmail.com

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pós-doutora em Estudos Culturais pelo Programa Avançado em Cultura Contemporânea (PACC-UFRJ). Professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Mulher parda. Sobral-Ceará. E-mail: isabel_linhares@uvanet.br

Para elaborar esse material, parti dessas questões: O que é “projeto de vida”? Como os professores trabalham em sala com Projeto de Vida (PV), enquanto componente curricular? Considerando o PV como um vetor de direcionamentos aos projetos individuais dos estudantes, questionei-me sobre quais são as perspectivas de futuro que se originam dos estudantes e como a escola (e o currículo) contribuem para essas perspectivas? E por fim, Como os alunos de 3º ano do ensino médio enxergam o seu futuro, com base nas suas vivências e cotidiano?

Conforme o exposto acima, temos muitas questões a serem ponderadas e que necessitavam de um estudo aprofundado. Sob essas interrogações, me inseri, *in lócus*, na Escola de Ensino Médio Professora Rosa Martins Camelo Melo, localizada na cidade de Ibiapina, estado do Ceará, pertencente à Coordenadoria Regional Estadual de Desenvolvimento da Educação (CREDE 5). O ponto de partida para ir em busca de respostas à essas lacunas dar-se através da imersão, diálogos, autorreflexão e observação no cotidiano escolar dessa instituição mencionada, pois pertencço ao quadro de profissionais da mesma, desde o ano de 2022, atuando como professor de Sociologia e também ministrei, por dois anos, o componente de Projeto de Vida (PV).

Por que se produzir um guia-didático? Na minha experiência com esse componente curricular, houve algum problema com os livros didáticos oficiais de PV? E por que a Sociologia? – Em resposta, considerei a minha vivência docente, uma vez que senti a necessidade produzir um material que fosse além da “objetividade” instituída pelos livros didáticos e alguns instrumentais de apoio fornecidos pela secretária de educação do estado do Ceará (SEDUC-CE). Em análise, percebi que alguns materiais acessíveis para mim e demais professores de PV, colocavam a ideia de “projetos” e “futuro” como uma etapa cronológica e geral, em que os condicionantes sociais não eram tão mencionados, uma vez que os jovens que integram o ambiente escolar, partem de contextos sociais diversificados, e conseqüentemente, possuem especificidades quanto aos seus projetos individuais. Assim, pensar sobre “projeto de vida” é refletir sobre classe social, gênero, trabalho, acesso às oportunidades, cultura, origem familiar – e esses aspectos mencionados não podem ser reduzidos a “manuais” e dicotomias sobre como devo “projetar” ou não o futuro.

Nesse mesmo raciocínio, tomei o conceito de *imaginação sociológica* de Wright Mills (1982) como o principal agente de condução teórica para conduzir o estudo da produção do guia. Nesse sentido, Mills (1982) me instigou a refletir sobre as possibilidades de reflexão social, (questões e fatos em escala individual e as suas relações estruturais de ordem/natureza geral) e como usar isso para a abordagem pedagógica. Parafraseando Mills (1982), o aspecto

“local” pode nos ajudar a entender o “geral” – Os projetos “individuais” podem nos ajudar a entender as dinâmicas sociais em larga escala. Procurei nesse material construir um tipo de aporte didático com linguagem acessível, curto em termos de páginas, e que tivesse uma natureza expositiva, não impositiva. Outro ponto relevante é que levei em conta a possibilidade de que, nem todos os professores de PV integrem a subárea das ciências humanas. É nesse sentido que o guia se apresenta como uma ferramenta introdutória para o pensamento/letramento sociológico, sendo, portanto, um material objetivo e sintético.

Partindo da minha experiência como professor de Sociologia e de PV, considerei fundamental a reflexão sobre a cidade em que os estudantes da EEM prof.^a Rosa Martins está inserida, qual o perfil de estudantes que essa instituição atende e quais os significados que esses indivíduos constroem (ou não) para com os seus projetos individuais de futuro.

O campo de pesquisa (escola) trata-se de um modelo que, no estado do Ceará, é denominado como “ensino regular”³, funcionando apenas em um turno para os alunos. Pude evidenciar que a EEM Professora Rosa Martins Camelo Melo atende alunos de diferentes contextos do município de Ibiapina⁴, no entanto, a maioria desses alunos advém do meio rural, o que representa um cenário característico de uma cidade do interior do Ceará. Essa instituição funciona em dois prédios, um no centro da cidade (sede); e o outro (anexo da escola) localizado no distrito de Alto Lindo, distante 11 km do centro do município. Os interlocutores de pesquisa foram os estudantes de 3º ano dessa instituição.

A pesquisa teve uma combinação de abordagens metodológicas, usando aportes qualitativos e quantitativos. No intuito de coletar informações, optei por delimitar quem seriam os interlocutores de pesquisa e quais as estratégias viáveis ao campo estudando. Portanto, escolhi pesquisar as três turmas de ensino médio existentes na EEM Prof.^a Rosa Martins Camelo Melo no ano de 2024. A pesquisa teve três etapas - a primeira diz respeito a um mapeamento de informações sobre os interlocutores (aspectos socioeconômicos e profissionais), obtidos através de Formulário Online, no modelo *Forms* do *Google*: Elaborei

³ Conforme a Secretária de Educação do Estado do Ceará (SEDUC – CE), o ensino médio é ofertado em três principais modelos: Regular: com aulas em um turno e foco na formação básica; Profissionalizante: que integra o currículo comum à formação técnica em áreas como Informática ou Administração (ofertado pelas EEEPs); e EMTI (Ensino Médio em Tempo Integral), com jornada estendida, projetos de vida e formação mais ampla.

⁴ Distante 303 km da capital cearense, Fortaleza, a cidade de Ibiapina está localizada na Serra da Ibiapaba, popularmente conhecida por “serra grande”. Nesse aspecto, o município possui algumas características históricas e geográficas, sendo um ambiente que se destaca por suas especificidades, que vão do clima até as origens históricas. De acordo com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), essa cidade possui uma área territorial de 414,092km². Ibiapina conta com a sua sede, além de possuir três distritos, que são: Alto Lindo (local este em que está situado o anexo da escola pesquisada), Betânia e Santo Antônio da Pindoba. No ano de 2022, o IBGE contabilizou, por meio do último censo, que a cidade possui 23.965 habitantes e que em 2024 a população estimada seria de 24.649 habitantes.

Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/ibiapina/panorama>. Acesso em: 08/06/2024.

neste formulário um conjunto de perguntas estruturadas e fechadas, a fim de coletar dados sobre os desafios, anseios e vislumbres com relação ao futuro, além de traçar um perfil sobre esses interlocutores, realizei uma 2ª etapa – Grupos Focais com os interlocutores de pesquisa (alunos de 3º ano da escola); Por fim a 3ª etapa se apresenta como um reflexão e inferência dos dados qualitativos, análise crítica dos livros didáticos e produção final do Guia sociológico. Esses dados quantitativos me permitiram traçar um panorama a respeito dos projetos individuais dos alunos e como a escola atuava sobre essas questões.

Além disso, a pesquisa incluiu uma análise dos livros didáticos e de alguns instrumentais disponibilizados pela SEDUC – Ceará, tais como diretrizes e avaliações. Como outro recurso metodológico, fiz a utilização de grupos focais nas três turmas da instituição: realizei a interação direta com esses alunos por meio de debates, discussões em grupo e reflexões conjuntas acerca do tema “Escola e Futuro”, o que delimito como segunda etapa de pesquisa. Esse momento da pesquisa foi extremamente produtivo, pois consegui captar muitos elementos abundantes para a formulação dos meus estudos. Os estudantes apontaram suas críticas a respeito do currículo escolar, sentimentos e projeções de futuro e sugestões para as aulas de Projeto de Vida, em termos de abordagens.

Por fim, realizei o cruzamento dessas informações estruturais com um banco de dados que me serviu de repositório para a formulação da Cartilha Sociológica, além de conversar com alguns professores de PV, a fazer a análise crítica dos livros didáticos para o uso dessas aulas na referida instituição. Vale destacar que a organização desse material foi pensada a partir do contexto de pesquisa que se sucedeu esse trabalho e que a organização, em termos de estrutura da cartilha, nasce da sugestão dos estudantes.

Ancorado na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, de Saviani (2011), faz-se necessário que o professor esteja a par da condição e da realidade social do estudante, para que assim possa (re)construir alternativas contextualizadas e que dialogam com o aprendizado do estudante. Antes de pensar nas “aulas” como um processo formativo, temos de estender o nosso olhar para esses estudantes como sujeitos que podem (e devem) ser agentes centrais da tarefa docente. O intuito do material que produzi não é anular e nem desconsiderar os livros oficiais para o ensino de PV, mas sim, agregar e fortalecer o debate em torno dos projetos de vida, à luz da Sociologia, para que possamos problematizar o mundo social, despindo-se de generalizações, ao passo que construímos uma prática docente ressignificada.

Dialogando com estudiosos da Sociologia da Juventude, como Juarez Dayrell (2007) e Machado Pais (2009), Irapuan Peixoto Lima Filho (2016) para problematizar os dilemas que atravessam a condição juvenil, Ulrich Beck, na ideia de Sociedade do Risco (2021), e Pierre

Bourdieu (1992), pude fazer alguns apontamentos sobre a complexidade da juventude no contexto pesquisado em relação à Escola como um espaço que alimenta hierarquias sociais. Wright Mills (1982) com a *Imaginação Sociológica*, e Gilberto Velho (2003) com o conceito de *Projetos*, tiveram uma contribuição teórica indispensável nesse estudo.

Por fim, essas reflexões corroboram diretamente ao processo de produção de uma cartilha de natureza pedagógica, na qual, estão sinalizados para o leitor os principais elementos que envolvem as perspectivas de futuro e como eles se originam no meio social. Esse material sintetiza algumas orientações práticas para o docente de Projeto de Vida, o que pode enriquecer o repertório pedagógico de professores(as) de Sociologia e, principalmente, ter um olhar mais específico para os estudantes com relação às suas aspirações para o futuro. Desse modo, apresento mais detalhadamente ao longo do trabalho, essa experiência de pesquisa, além de apresentar uma síntese do Guia-didático sociológico.

O PROJETO DE VIDA NO ENSINO MÉDIO CEARENSE – O PPDT E A TAREFA DOCENTE:

A reforma no ensino médio no ano de 2022 propôs alterações curriculares em torno da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de modo em que algumas disciplinas obrigatórias perderam espaço (carga-horária), e ao mesmo tempo, surgiu novos componentes curriculares, tais como: projetos integradores, Projeto de vida. As denominadas competências socioemocionais atreladas ao Projeto Professor diretor de Turma (PPDT) vem se consolidando cada vez mais no contexto cearense. Ainda nesse mesmo cenário, temos a adesão estrutural e pedagógica com o modelo de tempo integral, o que já é realidade das maiorias das escolas estaduais de nível médio do Ceará. Pude vivenciar uma parcela dessas mudanças, como estudante do ensino médio (2012 a 2014), em posteriormente, como professor de Sociologia da educação básica. Como essas mudanças estruturais afetam a escola? E como os estudantes são impactados por essas reformulações? Desse modo, a relação entre Escola e Juventudes é elementar diante das questões que orbitam as perspectivas de futuro dos estudantes. No campo de pesquisa, existe uma importante política pública introduzida no ano de 2008 nas escolas do estado do Ceará denominada por Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT)⁵: Os “PDTs”, no contexto cearense, assumem o papel de regente de

⁵ Conforme a Secretaria de Educação do estado do Ceará (SEDUC), o projeto propõe que o professor, independentemente de sua área de conhecimento, assumam a responsabilidade por uma determinada turma, buscando conhecer os alunos individualmente para atender às suas necessidades. Além disso, as atribuições do professor diretor de turma (PDT) incluem mediar as relações entre sua turma e os demais segmentos da comunidade escolar, bem como trabalhar na formação cidadã e no desenvolvimento de competências socioemocionais junto aos alunos. Nesse projeto, o professor deve atuar de maneira mais ampla com sua turma,



sala de aula, e assim, ministram o componente de PV. Uma função desafiadora, em que o professor finda um compromisso com uma sala de aula durante o período de um ano. Na autorreflexão desse cargo, que eu diria que foi o principal estímulo para a realização desse estudo. Durante os anos de 2022 até março de 2024, estive à frente tarefa docente, que, particularmente, não se trata de um ofício fácil, pois o professor “DT” lida com situações que fogem à dimensão pedagógica. Trata-se de uma incumbência que necessita do profissional múltiplas funções, pois algumas responsabilidades que deveriam ser da família são terceirizadas para esse profissional.

O DT realiza periodicamente atendimentos individuais⁶, os quais normalmente são feitos com os alunos com “problemas” (infrequência, indisciplina, questões psicológicas), seria possível produzir diversas biografias, pois os depoimentos que são apresentados nos fazem refletir sobre o quão complexo e diversificada são as relações dentro da escola, em suas peculiaridades. Na regência em sala de aula, materiais disponíveis: o livro didático escolhido pela escola apresenta uma característica bastante peculiar: são abordados temas subjetivos em torno de sentimentos, da produtividade e de responsabilidade. Esse material incorpora em seu conteúdo, o que é denominado como *Competências Socioemocionais*. Elas, por sua vez, se distinguem em 5 macrocompetências e 17 habilidades específicas, conforme aponta o Instituto Ayrton Senna (2022)⁷. Ao observar os materiais, percebi a necessidade de proposição que coincidissem com as diversas realidades entre os jovens que fazem parte da escola em questão e, assim, dialogasse com os campos de possibilidades para os seus respectivos projetos de futuro. Em planejamentos com outros PDTs, obtive relatos em torno da urgência, para se construir aportes diádicos, pois o material “oficial” não abre margem para discussões mais aprofundadas em torno da condição juvenil em interface com o futuro, e não é bem recebido pelos alunos.

Ao observar o cotidiano dos professores PDTs, pude evidenciar que: possuem um dia específico para o seu planejamento, organização das aulas e para os atendimentos de pais e alunos. Na EEM Prof.^a Rosa Martins Camelo Melo, o plano de trabalho docente é dividido, respectivamente, por série: os PDT de 1º ano usam esse material, para conduzir as suas aulas e cercam o seu trabalho em torno das temáticas ligadas às competências socioemocionais.

indo além do ensino dos conteúdos específicos de sua disciplina. Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/projeto-professor-diretor-de-turma-ppdt/> Acesso em: 31 mai. 2025.

⁶ É uma das funções de PDT. Semanalmente, o professor destina uma hora para realizar esse atendimento, registrar em ata e fazer encaminhamentos, caso for necessário. Vale destacar que nesse mesmo horário é possível que os pais ou responsável estejam presentes.

⁷ As competências gerais são: *Abertura ao novo, Amabilidade, Autogestão, Engajamento com os Outros e Resiliência Emocional*. Disponível em: <https://institutoayrtonsenna.org.br/competencias-gerais-bncc/> Acesso em: 08/06/2025.



Desse modo, os professores estabeleceram um parâmetro de trabalho com base nas competências a fim de responder essas perguntas: 1º ano (quem sou eu?); 2º ano (que é o outro?) e 3º ano (o que é mercado de trabalho?). No contexto da escola pesquisada, a disciplina é trabalhada uma vez por semana, com 2h/aula. Para ministrá-la, os professores tem o livro de apoio, intitulado “*Pensar, sentir e agir: projeto de vida*”, FTD – Educação⁸. Alguns de PDTs de 3º ano usam o livro apenas como uma base e recorrem a materiais secundários, como vídeos e, até mesmo, produzem de forma individual algum material de trabalho, que, pela experiência com as turmas, possam ter uma receptividade por parte dos estudantes

“POR QUE UM GUIA-SOCIOLÓGICO PARA AS AULAS DE PROJETO DE VIDA?” – CONSIDERAÇÕES GERAIS:

Subsidiado pelo conceito de *Imaginação sociológica*, de Mills (1982), fiz uma análise sobre a minha experiência docente como PDT e, simultaneamente, criei um material didático para adentrar nas diversas realidades que se fazem presentes na sala de aula. Tomemos a seguinte questão: “*Professor Mateus, o que é que existe no mundo real que não é um tema social?*”. Essa simples pergunta, feita por uma estudante de 1ºano (em suas primeiras lições e contato com essa disciplina⁹), foi bastante pertinente e provocativa, pois aquilo foi (e ainda é) estimulante para o debate acerca dos fenômenos sociais e sobre o que é ciência. De fato, apresentar para os estudantes o que se constitui como *mundo social* é uma das primeiras lições sobre o estranhamento e sobre como realizar um parcial “fazer sociológico”.

Na tarefa docente, essas reflexões podem surgir como conhecimento alternativo para a problematização e para o entendimento da realidade social, tendo em vista que a escola é palco de uma diversidade temática: relações de poder, conflitos, desigualdades, representações etc. Conforme as atribuições que o professor PDT exerce em seu cotidiano, a imaginação sociológica pode ser uma importante aliada para compreender as situações que virão. Com base em Alves e Dayrell (2015), no artigo intitulado “Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida”, podemos refletir a respeito dos projetos de vida e de como as juventudes estão entrelaçadas a condições amplas, sobretudo à classe social, à identidade e às influências de instituições secundárias. Nas palavras dos autores, esse tema permite as seguintes hipóteses:

⁸ Livro didático usado como material de apoio. Disponível em: <https://pnld.ftd.com.br/ensino-medio/projeto-de-vida/pensar-sentir-e-agir>. Acesso em: 08/16/25

⁹ A Sociologia enquanto componente curricular é implementada nos currículos escolares somente no ensino médio. No entanto, até o ano de 2024, algumas escolas particulares da cidade de Ibiapina fizeram a adesão dessa disciplina no 9º ano do ensino fundamental. Pude diagnosticar esse fato por meio de conversas com alguns alunos egressos do ensino particular, que optam por cursar as séries finais na educação pública.

[...] quando falamos da juventude e seus projetos de vida, ponderar os elementos das condições estruturais e conjunturais que compõem o campo de possibilidades e as condições subjetivas que estão postas na dimensão individual é fundamental para não cairmos na tentação de assumir, por um lado, o discurso neoliberal que responsabiliza única e exclusivamente o sujeito pelo seu destino, levantando bandeiras do tipo “basta querer que você vai conseguir”. Ou, em outro extremo, para não adotarmos uma posição pessimista e determinista do tipo “tem jeito não, quem nasceu para ser mula nunca chegará a cangalha”. Em outras palavras, se, por um lado, há quem atribua toda a responsabilidade dos projetos ao indivíduo, por outro, há quem o veja como um incapaz, um fracassado, que nunca vai ser alguém na vida. Ambas as posições desconsideram que as condições socioeconômicas em uma sociedade capitalista podem ser um comprometedor na elaboração dos projetos e que nem sempre basta querer. Tais condições podem, sim, produzir efeitos perversos, ceifar sonhos individuais e comprometer o próprio desenvolvimento social, por não oferecer igualdade de condições e oportunidades e por não proporcionar a todos o mesmo ponto de partida. (Alves; Dayrell, 2015, p. 378).

A relação entre Juventude e perspectivas de futuro fazem-se como elementos fundamentais para pensarmos as perspectivas de futuro dos interlocutores desta pesquisa, considerando que esses estudantes representam, em sua maioria, juventudes rurais. Conforme Dayrell (2003) destaca, a juventude faz parte de uma construção social, a qual apresenta, ao longo do tempo, variações e modos de ser. Dessa forma, os fatores históricos, socioeconômicos e culturais influenciam diretamente na subjetividade de cada um desses sujeitos. Levando em conta a pluralidade das juventudes com base nas experiências vividas, podemos pensar os projetos de futuro como um conceito. Considerando “projetos de futuro” como um conceito, podemos refletir sobre as perspectivas construídas por esses jovens, levando em consideração a escola e a vida fora dela. De acordo com Oliveira e Saldanha (2010), temos diversas formas de conceituar Projeto de Futuro, mas, de uma forma mais geral, compreendemos como:

[...] a antecipação, no presente, de metas futuras, referindo-se, assim, ao grau e ao modo pelo qual o futuro cronológico de um indivíduo é integrado ao espaço de vida presente por meio de processos motivacionais, sejam estas metas relativamente próximas (como concluir o ensino médio e passar em alguma universidade, por exemplo) ou mais distantes (como engajar-se em um emprego que assegure boa qualidade de vida). (Oliveira; Saldanha, 2010, p. 48).

Conforme Oliveira e Saldanha (2010), podemos nos referir como um processo de construção de expectativas e possibilidades que os indivíduos vislumbram para si mesmos, com base nas suas condições materiais e na viabilidade para adentrar em alguns determinados cenários. Pensando nesses dois conceitos, podemos refletir sobre os interlocutores pesquisados – os condicionantes sociais, o contexto e as alternativas para o “futuro” são atravessados por dinâmicas estruturais que se reproduzem no cotidiano dessas pessoas. À luz desses conceitos, podemos reforçar, conforme Melo e Salles (2020), que o meio social exerce

diferentes tensões e que são inevitáveis aos sujeitos, o que pode influenciar, em muitos casos, na forma de enxergar o futuro, adaptando-se aos respectivos modos de vida.

Partindo dessa perspectiva, podemos conduzir a nossa discussão conforme o conceito de Projetos, fundamentado por Gilberto Velho. O autor (2003) argumenta que os projetos representam um conjunto de edificações simbólicas, que orientam os sujeitos em um dado contexto, a partir de sua relação com o futuro. Rompendo com uma visão cronológica, esses Projetos não são parcelas fixas sobre o tempo, e, sim, representam um processo de negociação com a realidade de cada indivíduo. Velho (2003) ainda argumenta que essa “negociação” sofre influência das condições materiais de existência e, principalmente, pelas formas de leitura acerca do mundo social. De acordo com esse mesmo autor:

De forma aparentemente paradoxal em uma sociedade complexa e heterogênea, a multiplicidade de motivações e a própria fragmentação sociocultural ao mesmo tempo que produzem quase que uma necessidade de projetos, trazem a possibilidade de contradição e de conflito. Por isso mesmo, o projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, do novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões na sua identidade. Assim a biografia, valorizada ao extremo em um mundo individualista, está sujeita a periódicas revisões e reinterpretações. (Velho, 1994, p. 2003)

O conceito de Projeto torna-se indispensável para a reflexão dos projetos de vida dos estudantes, porque nos é possível a compreensão acerca das perspectivas e que elas não são construídas de forma isoladas. Velho (2003) afirma que as experiências individuais estão concatenadas a um campo de possibilidades e contextos sociais da existência. Considerando esse fato, podemos ampliar o nosso campo de visão acerca das juventudes e como as suas trajetórias de vida possuem atravessamentos em torno da sua condição.

Assim, aponto algumas temáticas que foram relacionadas com as vivências, dilemas e narrativas dos estudantes de 3º da EEM Rosa Martins. Os aspectos mencionados adentram as discussões sobre: *Desigualdade social; O papel da escola e suas influências da perspectiva de futuro; Mercado de trabalho em Ibiapina; políticas públicas e inclusão ao ensino superior; Saúde mental e projetos de futuro*. O guia didático em questão está organizado por cinco capítulos, e cada uma organizei pelos seguintes tópicos: apresentação do tema; autores que contribuem na reflexão; sugestão de aula; reflexões pedagógicas; sugestões de filmes e bibliografias. Esse é o modelo para os capítulos da cartilha, exceto o primeiro que não apresentei uma sugestão de aula. Considerei cinco capítulos uma quantidade razoável, tendo em vista que é um material sugestivo que o professor diretor de turma pode utilizar durante a organização das suas aulas, fazendo, assim, as alterações que julgar necessário. Como esse material se apresenta como uma cartilha e não um livro didático, as páginas do material têm

por objetivo a inovação das aulas, pois faço sugestões dinâmicas, o que se justifica o fato de que eu não tenha apresentado um “plano de aula” tradicional.

O que é abordado nesse material? Vale mencionar que os principais responsáveis por direcionar este estudo, assim como por delimitar os conteúdos da cartilha, foram os estudantes do 3º ano “A”, “B” e “C” (anexo) da EEM Prof.^a Rosa Martins Camelo Melo. Todas as suas falas nos grupos focais, as experiências por eles apontadas e os seus anseios foram convertidos em reflexões e compilados em um material para melhorar essa experiência, apresentando-se como tópicos importantes para as aulas de PV. Cada capítulo do instrumental não foi intitulado por um(a) aluno(a) em específico, mas, sim, os seus depoimentos me estimularam a propor as seguintes abordagens, as quais estruturaram a cartilha e contribuíram para a divisão e nomenclatura dos capítulos. O material completo está disponível para download e consulta do professor.

O GUIA DIDÁTICO-SOCIOLÓGICO: APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

No primeiro capítulo do guia didático-sociológico¹⁰ apresento ao leitor uma discussão sobre as múltiplas faces que cercam às desigualdades sociais. Em paralelo a essa discussão, recorro ao conceito formulado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu – o capital cultural, para problematizar tais fenômenos em torno das desigualdades. Pensar esses aspectos, sob essa lente, pode auxiliar na tarefa docente uma vez que a noção de futuro dos estudantes está atravessada por esse *capital*. Nesta primeira seção, realizo alguns apontamentos em torno da escola – como um espaço de oportunidades ou acesso a elas – mas também, um campo suscetível a reprodução das hierarquias sociais e culturais, tal qual, Bourdieu (1978) apresenta teoricamente. Portanto, é importante que o leitor consiga identificar a natureza ambígua da instituição escolar e em como ela impacta nos diferentes projetos de vida dos estudantes.

Podemos entender esse cenário no que se evidencia entre os jovens de terceiro ano, no qual se vêem rodeados de dilemas e desafios sobre o que “fazer” ou “ser” ao término do ensino médio. seja o ingresso na faculdade, a busca pelo 1º emprego ou simplesmente se “adaptar” com as oportunidades intermitentes que, periodicamente, podem vir a existir. Sob à égide bourdieusiana, o *Capital cultural* (1978) pode nos ajudar na compressão de algumas situações cotidianas em nas salas de aula – existem estudantes que chegam no ensino médio com um “repertório” diversificado, em termos simbólicos – o hábito da leitura, o acesso à alguns serviços e conhecimentos secundários a escola, um certo grau de erudição, tais como expressões artísticas e a própria linguagem formal. Na sala de aula, percebermos a latência de

¹⁰ Guia-didático sociológico – link de acesso ao material:

https://drive.google.com/file/d/1P49jXsQy91vg2aswoSGL-3vUFE2IpSFH/view?usp=drive_link

uma realidade multidimensional, em que os despossuídos desse tipo de *Capital cultural* advém das camadas populares, e conseqüentemente, lidam com adversidades e desvantagens culturais, o que implicada na ideia de que as oportunidades tendem a lograr êxito em estudantes com uma “bagagem” cultural com referências.

Arelado a essas perspectivas, também faço neste capítulo uma discussão sobre o que é Estratificação Social, em interface ao pensamento de Max Weber. Nesse sentido, destaco que a noção de “desigualdade” não estar cercada, exclusivamente, na esfera econômica (e renda pessoal), mas sim, podemos estender esse recorte para duas outras variáveis: a noção de prestígio (situação de status) e a prerrogativa do poder (o que encurta a nossa percepção sobre que, de fato, pode ser compreendido como ascensão social e porque alguns grupos, em específicos, atingem tal mudança de paradigma social. Desse modo, espera-se que o leitor possa compreender que as barreiras que cercam a vida dos estudantes, estão solidificadas em uma estrutura social ampla, que historicamente, torna patente às assimetrias sociais e culturais, perpetuando a reprodução das desigualdades. Portanto, os projetos futuros, os sonhos, os anseios particulares e etc. estão atravessados por esse processo.

Ainda neste mesmo capítulo, faço uma proposição e modelo de intervenção docente. Essa atividade tem por objetivo a construção de mapas mentais, no qual eu intitulo a proposta da aula como “*Relacionando a biografia pessoal com as perspectivas de futuro*”. Nessa proposta, é necessário a construção de um resgate pessoal dos alunos, no que tange a origem social, os ensinamentos que foram aprendidos na família, no cotidiano em suas experiências e vivências, assim como os projetos de vida para o futuro. Nessa aula, proponho a divisão em dois momentos – uma roda de discussão e debate sobre a desigualdade social; por último, a materialização do debate no formato de mapas mentais com base na profissão ou futuro que os estudantes anseiam em ter. Essa atividade propõe uma reflexão sobre como nossas trajetórias de vida se relacionam com o presente, e conseqüentemente, o futuro.

Outra ferramenta didática que apresento diz respeito ao uso do audiovisual. Um ponto importante a ser levado em consideração é que em todos os capítulos há uma “Indicação Fílmica”. Em específico a este capítulo, recomendo o uso do filme “O menino que descobriu o vento” (2019) e do documentário brasileiro, “Nunca me sonharam” (2017). Podemos pensar o contexto dos filmes como uma metáfora para a reflexão sobre o acesso (ou a limitação dele) do conhecimento e a reprodução das desigualdades e a sua inferência sobre as juventudes. Podemos construir muitas reflexões, principalmente a forma desigual em que a educação, em específico, a escola, pode naturalizar alguns entraves sociais.

Além da indicação dos filmes, apresento ao professor leitor uma sugestão bibliográfica. Cada uma dessas obras está em diálogo com a temática apresentada no capítulo. Além de referenciar Max Weber (1971); Bourdieu (2007), também recomendo a leitura de Bernard Lahire (1997), com a obra *“Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável”*. Nessa obra, o autor apresenta importantes discussões sobre o “(in)sucesso escolar”, as relações com as classes dominantes e as desigualdades simbólicas dentro dessa mesma lógica.

No segundo capítulo do material, temos uma outra discussão – esta é intitulada como *“A Educação como Ferramenta de Transformação Social – E Ai, Você Acredita?”* Conforme observamos, esse questionamento coloca o professor a realizar uma pergunta a si mesmo. Para esse capítulo, parto da ideia de que escola é um espaço social que propõem uma formação que transborda a lógica de “repassar os conteúdos”. Assim como todo e qualquer espaço social, a escola é uma arena de convivência, da diversidade, das lutas simbólicas, das disputas de poder, e principalmente, é um lugar onde convergem-se muitas possibilidades de vida. O capítulo em questão, propõe um debate ancorado na relação dinâmica escolar, os significados que os estudantes recriam sobre a educação e a sua finalidade, e como converter isso em “expectativa de futuro”.

Mesmo reconhecendo a importância dessa agência de socialização (potencialização de saberes, transformação e inserção social), é inevitável que haja estudantes que não se sintam “conectados” à escola. Podemos entender esse fenômeno como a apatia, a evasão, a falta de sentido em “ir” e fazer parte. Esse sentimento de descrença ou falta de pertencimento coloca em análise sobre o papel da escola e como ela pode oferecer subsídios de interesse a esses sujeitos de uma forma integral. Essa crise do “sentido” parte da ausência de um trabalho ressignificado. É necessário que a escola, sobretudo nas aulas de Projeto de Vida, proponha uma discussão além das diretrizes formais: faz-se necessário o debate sobre direitos, sobre o acesso à cultura, à saúde, sobre as diferentes classes sociais. Nesse sentido, é prudente que o leitor possa desconstruir a lógica meritocrática que atravessa o cotidiano das escolas.

Como base teórica, apresento neste capítulo algumas considerações do pensamento de Paulo Freire (1987) e do sociólogo brasileiro, Florestan Fernandes (1996). A abordagem freiriana incluída nas discussões desse material abre margem para o debate sobre a figura do professor, para além das suas intervenções em sala de aula. Nesse sentido, procurei discorrer sobre esse aspecto no que se refere a professor DT enquanto um mediador, um sujeito da escuta e um “encurtador de distâncias” entre a escola e os estudantes. Desse mesmo modo, podemos pensar com Florestan Fernandes sobre o poder que as escolas podem propor, para

combater as desigualdades (e conscientizar sobre esse fato), ampliando os recursos para se buscar os conhecimentos fundamentais. Sem esse compromisso, a escola, em sua natureza, corrobora para as diversas exclusões e distanciamentos já consolidados em sociedade.

Ainda nesta seção, proponho uma atividade em sala de aula que leva o seguinte título: “*Mudança de Vida e educação: pesquisa sobre a ascensão social*”. Nessa atividade, proponho que o PDT oriente os alunos a produção de um material temático, sobre uma personalidade ou figura inspiradora (a vida dos alunos), em que as trajetórias de vida foram atravessadas pelo impacto da educação. Desse modo, é recomendado que essa proposta seja realizada em grupos, e que o resgate de “histórias de vida” possa causar algum tipo de conscientização. Além disso, essa atividade também propõe que haja uma identificação sobre o papel da formação escolar (e o acesso a ela), e como ela, por sua vez, se insere na promoção de superação, mudança de vida e quebra de paradigmas. Contudo, é necessário que se tenha uma atividade secundária a esta: uma análise autobiográfica. Nessa última intervenção para sala de aula, é importante que os alunos possam refletir sobre as suas próprias biografias e perspectivas de futuro, e assim, materializar esses resgates na proposta de atividade. Podemos pensar esse tipo de abordagem ao entrelaçamento acerca da biografia pessoal e a biografia geral, tal como é sustentado o conceito de *Imaginação Sociológica*. Nos recursos fílmicos que sugiro, temos o documentário brasileiro: “*Pro dia nascer feliz*” (2007); e o filme “*Estrelas Além do Tempo*” (2016). A escolha desses filmes se justifica em função dos fatos abordados, cujo papel da educação é mencionada, e tomada como um vetor de direcionamentos a pensamento crítico, a inclusão e inserção de grupos, que historicamente, são estigmatizados, e a função transformadora do conhecimento para a prática docente.

O Guia sociológico apresenta em seu terceiro capítulo o seguinte título: “Mercado de Trabalho e Perspectivas de Carreira: Reflexões sobre Oportunidades de Emprego para as Juventudes do Interior”. Baseado nas vivências relatadas nos grupos focais da pesquisa realizada em 2024 com os alunos da EEM Prof.^a Rosa Martins, faço uma imersão a realidade Ibiapinense, no que se refere às oportunidades de trabalho (ou ausência delas), para pensarmos contextos semelhantes ao do cenário pesquisado. O que as “cidades interioranas” podem oferecer aos jovens após a conclusão do ensino médio? Assim, apresento no capítulo os limites e possibilidades que o território (zona rural e urbana) interfere na realidade pesquisada, quando levamos em consideração o fator: emprego, acesso à serviços, à profissionalização e a edificação, baseada nas experiências locais, para a escolha das carreiras. Neste capítulo três, a Sociologia põe-se como uma potente aliada para problematizar a

realidade e, assim, adentrar às estrelinhas enfrentadas pelos jovens que advém do meio rural e como as suas trajetórias de vida são tocadas pelo fator “lugar”.

Neste capítulo, faço uma importante discussão sobre o trabalho informal (e intermitente) e a falta de qualificação da mão de obra em cidades com poucos habitantes, como Ibiapina. Nesse aspecto, o êxodo de muitos jovens no pós-ensino médio, em direção aos centros metropolitanos e capitais ainda se torna uma alternativa em pleno século XXI. Por outro lado, a adaptação com as condições locais também se apresenta como um campo de possibilidades a outros indivíduos – o setor agrícola, a iniciativa privada local, o setor de serviços - esses são alguns dos “meios de sobrevivência” que os jovens ibiapinenses possuem em seu horizonte de oportunidades. Um fato relevante que é válido ao nosso debate diz respeito à escassez de oportunidades, a inexistência de opção para se qualificar (no sentido acadêmico ou profissional) seja o maior impasse de construção de perspectivas otimistas sobre a vida no interior.

Como sugestão para a prática pedagógica, faço a sugestão de uma pesquisa de natureza local. Com o título “Explorando gráficos sobre o mercado de trabalho na cidade de Ibiapina”, proponho ao professor que a intervenção possa estimular a leitura sobre a realidade social que circundam esses jovens – a cidade de Ibiapina. Na cartilha, apresento em anexo o endereço online que direciona ao site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto de Pesquisas Econômicas do Estado do Ceará (IPECE), com o intuito de apresentar, por meio de gráficos desses institutos, o panorama ibiapinense em diversos aspectos, sobretudo às questões econômicas, educacionais e sobre a empregabilidade. No guia, existe um roteiro de apresentação desses dados e assim, iniciar uma segunda etapa da aula: produção de mapas mentais e em seguida, uma roda de discussão. Essa estratégia abre espaço para o debate em torno das suas experiências individuais, e como ela pode inserir as informações inferidas dos gráficos.

Para reforçar a abordagem, recorro a dois conceitos que podem ampliar nossa percepção sobre as juventudes rurais e as suas possibilidades. Assim, o autor Manuel Castells, com sua noção de “sociedade em rede”, e José de Sousa Martins nos convidam a ponderar sobre as inúmeras condições que cercam as juventudes. Castells (1999) argumenta que o uso das tecnologias (como um elemento em ascendência na sociedade) e o acesso à internet, podem se tornar uma ferramenta de inserção e qualificação das perspectivas individuais, tendo em vista as limitações do interior de muitas cidades no Brasil. Isso pode ser concretizado em participações de cursos, formações à distância, entre outros. José de Sousa Martins (1998), nos convida a reflexão sobre os inúmeros desafios estruturais que acometem as juventudes

rurais, o que justifica a urgência de ações concretas e políticas públicas para alavancar o avanço das oportunidades locais e, assim, mudar o panorama em torno do êxodo “forçado” para as cidades grandes brasileiras.

Nos recursos audiovisuais, faço a recomendação do filme “À Procura da Felicidade” (2006) e “Que Horas Ela Volta?” (2015). Pensando as disparidades econômicas e, conseqüentemente, às desigualdades sociais, esses filmes podem adentrar a reflexões sensíveis ao tema deste capítulo – o abismo entre as pessoas na busca por empregos e os empregados, no que se refere ao contexto urbano, podem nos servir como um agente de desconstrução, pois a vida nas cidades grandes em muitas vezes é “romantizada”, reforçando a noção de que não há dificuldades nas metrópoles brasileiras. Nesse contexto, é importante que o professor possa sensibilizar esses jovens, sobre a ideia de mobilidade social, êxodo e o interior como um campo de possibilidades.

Na penúltima seção, apresento um debate com ênfase nas políticas públicas voltadas às juventudes – à imersão ao mercado de trabalho e o ensino superior sobre juventudes de baixa renda. Com o tema: “Juventude e Políticas Públicas: Alternativas de Inclusão para o Mercado de Trabalho e a Universidade para Estudantes de Baixa Renda”, o quarto capítulo pontua algumas questões sobre algumas lacunas deixadas pela ação do Estado. Nesse sentido, parto da premissa de que ainda há uma lacuna sobre promoção da equidade, pois as ações voltadas à inclusão das juventudes, no contexto brasileiro, não são integralmente efetivas e não tocam o público que apresenta carências econômicas. Assim, esse processo pode ser justificado por falhas estruturais, pela falta de informações e até mesmo, pela falta de planejamento da distribuição dos recursos.

Esse quarto capítulo discorre sobre o panorama brasileiro e as suas principais políticas voltadas à educação e ao primeiro emprego. Temos, por exemplo, o Programa Universidade para Todos (PROUNI), o Sistema de Seleção Unificada (SISU), o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e o Programa Jovem Aprendiz. Essas iniciativas fomentadas pelo Estado, representam, de modo geral, uma ferramenta de inclusão em termos de oportunidades. Contudo, também destaco que esses programas não são suficientes, tendo em vista a alta demanda, as inúmeras formas de desigualdades sociais, os contextos de vulnerabilidade que cercam a vida de estudantes que advêm das periferias e do meio rural. Às disparidades quanto ao acesso das informações, assim como, as barreiras de natureza econômica podem ser fortes agravantes das injustiças sociais.

Um conceito essencial para as discussões desse capítulo é a Meritocracia, o que é recorrente nas escolas. Nesse sentido, podemos entender esse fato nos discursos reproduzidos

no cotidiano escolar e incorporada aos alunos, sugerindo a ideia de que “todos têm as mesmas oportunidades” e que “todos podem crescer na vida”, e que o esforço individual é o motor dessa dinâmica de superação. Nessa seção do Guia, problematizo a meritocracia como um agente que potencializa as desigualdades estruturais e corrobora com o individualismo, em que os estudantes são os principais responsáveis pelos “fracassos” e dificuldades, que na maioria dos casos, resultam das diversas formas de exclusão social. Em contrapartida, a escola deve ser um espaço que reconheça as múltiplas realidades e que os estudantes partem de situações específicas, o que deve dialogar com uma proposta de escola para a cidadania – é necessária a aproximação entre escola x alunos; os estudantes devem reconhecer os seus principais direitos e políticas públicas para a vida pós-ensino médio e, principalmente, refletir sobre as desigualdades em escalas gerais.

Como sugestão de atividade pedagógica, proponho uma “Feira das Profissões”, em que o foco está baseado em processos seletivos e as trajetórias profissionais. Nessa atividade, o professor deve dividir a turma em grupos, em que cada um deve pesquisar sobre profissões diversas, formas de ingresso e os requisitos para um currículo. Nesse sentido, os estudantes devem produzir cartazes com diferentes imagens e informações relevantes sobre a profissão escolhida. Esses trabalhos serão postos em estantes e apresentados para toda a comunidade escolar. Com isso, é importante que profissionais de diferentes áreas possam ser convidados para este momento, de modo a apresentar as suas trajetórias e falar sobre o seu trabalho.

Ancorado na perspectiva de Juarez Dayrell (2007), as juventudes estão atravessadas por complexidades, desigualdades e ao mesmo tempo, são responsáveis por ressignificar as suas vivências e experiências pessoais. Dayrell (2007) realiza algumas críticas sobre o descompasso entre o currículo reproduzido nas escolas e as diversas expressões da juventude, o que nos convida a propor alternativas contextualizadas as principais questões que circundam a condição juvenil, dentro e fora da escola. Outra pauta importante nesse capítulo se refere ao discurso da “produtividade”, da “responsabilidade” e ao desempenho que é atribuído aos jovens. Conforme o sul-coreano Byung-Chul Han, em “Sociedade do Cansaço” (2017), temos muitos sintomas na modernidade, que podem ser motivadas pelo excesso de cobrança, comparação constante e que esse fato afeta muitos aspectos da nossa sociedade, inclusive a esfera educacional, quando pensamos as juventudes.

Entre as sugestões de filmes, estão "Escritores da Liberdade" (2007), "Os Miseráveis" (2019) e "Coach Carter" (2005). Essas obras apresentam, ao seu modo, a contribuição que a educação em diferentes formatos, pode gerar na vida social, coexistindo em cenários de exclusão e violência. Esses filmes reforçam e ajudam a pensar sobre os arranjos educacionais

brasileiros e como as juventudes necessitam de um olhar direcionado, principalmente ao abordarmos o tema dos projetos de vida.

No último e quinto capítulo do Guia sociológico, às atenções estão voltadas para uma pauta de extrema urgência em nosso tempo: a saúde mental. Pensando essa questão, podemos tomar como ponto de partida as inúmeras incertezas sobre o que se fazer “no futuro”, uma vez que as juventudes partem de contextos diversos e atravessados por tensões e desigualdades. Apresento ao leitor uma abordagem que faça conexões entre os anseios (dilemas) individuais dos estudantes e a forma de como podemos articular essas trajetórias com as estruturas sociais gerais, usando a *Imaginação Sociológica* (1982). À luz dessa teoria, podemos refletir sobre os dilemas individuais (e até mesmo o adoecimento emocional), como uma pauta resultante do contexto social, e sim, produto da sociedade.

Considero indispensável a discussão sobre as adversidades que cercam a vida dos estudantes ao se colocarem diante da vida no “pós-ensino médio” – a família e as expectativas criadas, a responsabilidade para ser “alguém na vida” e a fragilidade de encontrar recursos para se manter (trabalho ou faculdade). Esse conjunto de interrogações, aliada a falta de aportes emocionais para as juventudes, podemos coincidir em um campo de fácil acesso a problemas de natureza psicológica, o que pode ser representado em casos de depressão, ansiedade, evasão escolar e baixa expectativa de vida

Nesse mesmo tópico, apresento um tópico denominado “Sonhar com os "pés no chão" e "voar" com consciência de classe” – proponho nessa seção a necessidade de articular os projetos individuais e não esquecer da esfera social e econômica o qual faz parte dentro de uma sociedade. Ou seja, é fundamental construir sonhos e perspectivas de futuro, mas deve-se sempre ter objetividade e consciência de que o mundo capitalista em que estamos inseridos articula uma série de condicionantes para moldar a vida social. É nesse sentido que o professor possa auxiliar, através do debate, com discussões sobre possíveis estratégias para coexistir em meio a esse cenário, e principalmente, não incorporarem a noção de culpa pelo “fracasso” como algo integralmente individual.

Como proposição de atividade didática, considere o rigor temático em torno do capítulo 5, com uma proposta conectada às questões afetivas em que a musicalização surge como um elemento pedagógico. A intervenção é denominada como “Poema coletivo dos sonhos”, em que se deve partir da escuta de canções ligadas ao tema do futuro, sonho e adversidades. As músicas usadas nessa atividade são: A vida é um Desafio – Racionais Mc’s; Pontes Indestrutíveis – Charlie Brown Jr; Paciência – Lenine; Tá escrito – Grupo Revelação; É preciso saber viver – Jota Quest. A ideia central é propor, inicialmente, uma conexão entre

as letras e as vivências individuais. A atividade deve ser realizada em grupo, e ao fim da audição, cada grupo deve escolher trechos e organizar em um painel colado ao chão da sala de aula, de modo a organizar uma compilação de frases, compondo um poema coletivo. É importante que o professor possa reforçar que os trechos devem estar em diálogo com as vivências dos estudantes, e assim expressando os seus dilemas ao grupo.

Para conduzir as reflexões teóricas nesse último capítulo, temos Zygmunt Bauman, com o conceito de modernidade líquida, e Ulrich Beck, com a ideia de sociedade do risco. O sociólogo Bauman, com a sua discussão sobre modernidade líquida, descreve como uma sociedade marcada por relações sem consistência, frágeis e marcadas por insegurança, afetam diretamente na subjetividade dos indivíduos - nas identidades, na percepção de mundo e na construção de perspectivas de futuro. Beck alerta para os eventuais riscos de escala global (econômicos, políticos e ambientais), e como eles podem ser responsáveis pela construção de uma noção de “futuro”. Por exemplo, a questão do desemprego e o cenário ambiental, como esses elementos são interpretados de uma forma positiva? É evidente que o nosso cenário não é tão favorável para a edificação de “projetos de futuro” sem que haja insegurança ou um sentimento de “fracasso”.

Entre as sugestões de filmes, escolhi: “As Vantagens de Ser Invisível” (2012), “Gênio Indomável” (1997) e “Mãos Talentosas” (2009). Levando em consideração a complexidade emocional em torno das juventudes, essas obras podem auxiliar o professor a (re)pensar nos novos arranjos que atravessam o cotidiano dos estudantes. Em muitos casos, não há no seio familiar um espaço de escuta sobre as questões apontadas neste capítulo. A saúde mental em interface às juventudes deve ser observada com atenção, pois é algo que apresenta uma crescente, e que as aulas de Projeto de Vida possam ser um momento de escuta, debate, e a depender do grau, possa ser um momento de encaminhamentos. A escola precisa incluir essas pautas, e principalmente, não reproduzir alguns discursos em torno da ideia do “sucesso” individualizado, uma vez que essa ideia pode reacender a noção de fracasso e questionamento sobre si mesmo.

Considerações finais:

Diante desse campo de estudo, nota-se que há uma ambiguidade com relação à implementação de “novas” políticas educacionais (componentes socioemocionais) e a sua “efetividade”. Também podemos questionar se essas reformas educacionais, as quais vêm se consolidando nos últimos anos, de fato, possibilitam uma formação integral para esses jovens assistidos pela Educação Básica e pelo Estado. Por mais que existam essas diretrizes de

ensino para Projeto de Vida no ensino médio, concomitantemente haverá a existência desses desafios para a tarefa docente: ministrar essas disciplinas de uma forma contextualizada, levar em conta a diversidade juvenil nas escolas públicas do Ceará e do Brasil, materiais que possibilitem um trabalho ativo com os estudantes. Considero que essas projeções do futuro apontadas pelos estudantes podem nos estimular a refletir sobre a nossa própria profissão e como a escola sujeita os alunos na formulação de métricas e “idealismos”, desconsiderando a individualidade e os aspectos íntimos do estudante na qualidade de “sujeito social”.

Por fim, essa reflexão ultrapassa a perspectiva individual, abrangendo uma visão mais ampla: quais são e como se estruturam as políticas públicas voltadas para a juventude? Além disso, como a escola, os professores e outros agentes de socialização atuam nesse processo? Creio eu que essa interrogação possa servir de estímulo para outras pesquisas com esse mesmo foco temático. Partindo da individualidade, concebo a ideia de que esta pesquisa pode contribuir para uma compreensão da realidade dos estudantes pesquisados, mas, também, para uma reflexão ampla sobre as diversas condições vivenciadas pelas juventudes no Brasil, com destaque para aquelas do interior e dos contextos rurais.

Na minha experiência como professor de Sociologia, parti da perspectiva de que temos de conhecer diferentes versões sobre a realidade que nos cerca, e que, somente por meio da educação, podemos quebrar alguns paradigmas sobre os dilemas que cercam a vida estudantil dos nossos alunos, o que tomo, particularmente, como um exercício da alteridade. O produto final que idealizei junto à pesquisa pode ser uma ávida ferramenta para ensino e aprendizado de Projeto de Vida. Essa ferramenta de conexão entre a experiência do cotidiano junto às teorias poderá instigar o docente a aprofundar todos os elementos que estão compilados no chão da escola e da sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. Z.; DAYRELL, J. **Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida**. Educação e Pesquisa, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 375-390, abr./jun. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

_____. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Lisboa: Editorial Vega, 1978.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização**. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

_____. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação. [S. l.], n. 24, 2003.

FERNANDES, Florestan. **Educação e Sociedade no Brasil**. São Paulo, Dominus/Edusp 1966.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1987.

GERTH, Hans e MILLS, C. Wright. **MAX WEBER: Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1971.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**; tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LIMA FILHO, I. P. **Culturas juvenis e agrupamentos na escola: entre adesões e conflitos**. Revista de Ciências Sociais, [S. l.], v. 45, n. 1, p. 103–118, 2016.

MARTINS, José de Sousa. **Os camponeses e a política no Brasil**. São Paulo: Petrópolis, 1983.

MELO, Luciano; SALLES, Leila Maria. **Escola, Juventude e Perspectivas de futuro: alguns apontamentos**. Cad. Cedes, Campinas, v. 40, n. 110, p.86-96, jan./mar., 2020.

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1982.

OLIVEIRA, Isabel; SALDANHA, Alayde. **Estudo comparativo sobre a perspectiva de futuro dos estudantes de escolas públicas e privadas**. Paideia., [S. l.], v. 20, n. 45, 47-55 jan.-abr. 2010

PAIS, Machado. **Juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse.** Saúde Soc. São Paulo, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.